



Ana Major

Advogada. Nasceu em Luanda aos 10 de Setembro de 1958.

Publicou os primeiros trabalhos literários (poesia) na revista "Archote", integrou o grupo musical "Tchissossi" e é membro fundador do grupo "Elinga-Teatro".

Desde 1996 é membro da União dos Escritores Angolanos.

"Quantas vezes deixamos que as nossas vidas fluem como um barco sem rumo, perdido em alto mar...

E assim, por uma breve fracção de segundos, vemos o destino tecer-lhe uma trajectória impensada. É mesmo, e num lugar adverso a nossa vida atraca, como o corpo de Edmundo na areia branca de uma terra que lhe parecia amiga".

Na verdade, as relações entre as pessoas, podem acontecer, quantas vezes inesperadamente, sem que seja possível determinar as razões e o grau de envolvimento nas situações.

Neste livro,

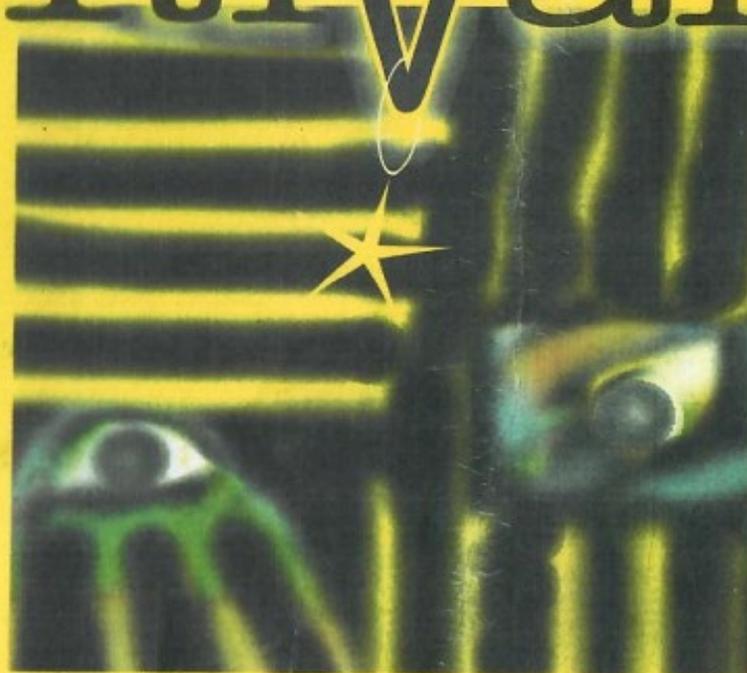
uma viagem de serviço, é transformada numa história de suspense e mistério, que nos conduz a terras de Cabo Verde.

Mencão Honrosa
Prémio SONANGOL
de Literatura 1995



Ana Major

O Rival



O RIVAL



UNIÃO DOS ESCRITORES ANGOLANOS

Ana Major

O
RIVAL

Título:
O Rival

Autor:
Ana Major

Composição:
LitoMídia

Montagem e Impressão:
Edições de Angola

Editora:
União dos Escritores Angolanos

Capa:
LitoMÍDIA

1ª edição:
Maio de 1998

Tiragem:
1.500 exemplares

Direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.
© Ana Major

*à Hadi e à Carla
estas palavras e o tempo
que as gerou.*

*“...Os amigos são como os cabelos, com a idade uns ficam
brancos outros caem e não há meio de os substituir...”*

Elsa Triolet

I

Há qualquer coisa de virginal no nascer de cada dia e na descoberta do renascer de uma cidade.

Eram seis horas. As pessoas despertavam lentamente e caminhavam ainda sem pressa.

Coloquei a mala no porta-bagagem do carro e rumei para o aeroporto.

As tensões da noite deixavam o meu corpo e, sobretudo, os meus ombros com uma sensação de leve e dolorido cansaço.

O sol leve e quente da manhã batia-me na pele e anesthesiava-me o pensamento.

Nesta altura do ano, Setembro, as manhãs solares são excepcionalmente agradáveis, trazendo consigo restos de ventos de cacimbo.

As estradas de Luanda, a esta hora da manhã, estão semi-desertas e, é quando estar ao volante dá algum prazer.

No aeroporto, às nove e um quarto estava eu na fronteira, para aguardar o momento da partida.

O voo atrasou mais do que eu podia imaginar e mais do que era costume atrasar. Adormeci o resto do cansaço da minha noite nos cadeirões da sala de embarque.

Eram doze horas quando a chamada para o embarque me despertou.

Em classe executiva éramos apenas dois passageiros.

Satisfiz-me sentir-me só e em silêncio. O meu companheiro, talvez pela ausência de uma cumplicidade feminina, não perturbava a minha solidão.

A hospedeira anunciou as cinco horas de vôo que nos esperavam, o avião iniciou a sua descolagem com destino a Cabo Verde e eu abri a minha pasta e retirei o volume de papel A4 que continha o projecto.

Passsei-o em revista para me certificar de que não haveria algum item menos claro ou menos estudado.

A certa altura fixei o olhar sobre o meu companheiro.

Afinal estávamos sós e eu ainda não tinha prestado atenção à sua pessoa.

Surpreendi-o a observar a estrela que luzia pendurada no meu pescoço. O meu olhar fê-lo recompôr-se.

Iniciámos uma troca de impressões sobre o objectivo das nossas viagens.

O projecto que me levava a Cabo Verde integrava-se na abertura económica dos países de língua oficial portuguesa. Um cliente, interessado em investir no mercado financeiro nascente no espaço integrado destes países, encomendara, entre outras coisas, um estudo comparativo das suas legislações e, na sequência deste, eu acompanhava o desenvolvimento do projecto e deslocava-me à cidade da Praia para alguns contactos.

O meu companheiro de viagem, psiquiatra de profissão, participaria, também na Praia, num encontro sobre “saúde mental”, organizado pelos PALOPS. — Ele pronunciava “saúde mental” com ironia.

A conversa era divertida. Por entre longos silêncios, jogos e trocas de revistas, falamos de signos e sonhos e discutimos sobre o momento político, na proporção da abertura que se ia vivendo no país.

É evidente que não deixámos de trocar impressões sobre o exercício das nossas profissões. Eu acreditava que era árduo e delicado exercer psiquiatria num país em vias de desenvolvimento.

Ele estava certo de que era muito difícil e embaraçoso exercer advocacia num país do terceiro mundo, como Angola, onde o cidadão menos comum revela uma ausência de consciência cívica e jurídica.

Concordamos que o subdesenvolvimento era o nosso rival, a palavra a não pronunciar.

Ficáramos bons amigos — pensei.

Intrigava-me, no entanto, tê-lo surpreendido algumas vezes a olhar para a estrela que eu trazia pendurada ao pescoço.

Já eu dormitava quando o avião aterrou na Guiné-Bissau.

Os passageiros que iam aos festejos da independência daquele país desembarcaram e nós aguardamos impacientemente que a máquina voltasse a descolar, finalmente em direcção às terras cabo-verdianas.

Eram cerca das dezassete e trinta quando aterrámos no Sal.

O cumprimento das formalidades com a polícia de fronteira foi breve.

Um homem de meia idade aguardava-me. O meu companheiro de viagem, era esperado pelo delegado da saúde do Sal.

Informaram-nos que, devido ao atraso da nossa chegada, somente no final da manhã do dia seguinte partiríamos para a cidade da Praia.

Despedi-me do meu companheiro de viagem.

Registei, no entanto, a sua observação cordial e até lisonjeira:

— Não se esqueça de dar um passeio à beira mar. As praias cabo-verdianas são excepcionalmente atraentes e o mar amigo, sobretudo à noite, quando o tempo é quente e agradável.

Ele observava a minha estrela e naquele momento o meu instinto, despertado pelas suas palavras, reconduziu-me à noite do dia anterior.

“Talvez a estrela denunciasse a minha presença na praia nessa noite”. — pensei. — “Ao que tudo indicava, este hábito de passear pela praia ainda me criaria sérios problemas” — admiti.

Dirigi-me ao carro posto à minha disposição.

O TOYOTA feriu a paisagem deserta.

Estava calor. O vento bateu-me nos olhos, despenteou-me e acariciou-me, agressivo e quente. “Sê bem vinda”, assim o entendi.

II

Cabo Verde. Despido, ardente e fundo.

Como todo o nú, embaraça quando nos surpreende num primeiro contacto. Se desistirmos, não podemos desfrutar o que de ardente a terra tem.

A aridez da paisagem incomoda, mas a natureza nua, ainda assim, impõe-se com a mesma força e beleza da imensidão do mar, da extensão da floresta ou da brancura da neve.

— “Deserto, soberbo, mar imenso...” — pensei.

O desafio estava lançado e o silêncio fundo do espaço levava-me a adivinhar o início de uma paixão. O desejo já se fazia sentir.

Havia então que caminhar para além daquele silêncio que a nudez oferecia e encontrar o outro lado da terra; vislumbrar os limites entre a terra e o oceano, ocultos na escuridão da noite e deixar que a pele absorvesse o sal e o corpo se envolvesse de areias.

Cabo Verde — um olhar circular, um olhar vertical, o sol no mar, nascendo pondo-se... — mais do que uma paisagem, a *morna**, a *morabeza*** e *nha cretcheu****.

Senti meu, o espaço.

(*) *morna*: música de Cabo Verde que expressa entre outros os sentimentos de saudade, nostalgia e sofrimento.

(**) *morabeza*: expressão intraduzível usada para transmitir a hospitalidade e amabilidade cabo-verdianas.

(***) *nha cretcheu*: Tratamento dado à pessoa amada; mesmo que meu/minha querido/a amor.

Fui acomodada no Hotel Morabeza, à beira da praia.

Depois de um reconfortante banho, saí para o jantar.

O meu companheiro de viagem, Edmundo Reis, que já sabia da minha presença no hotel, pois cuidará de se informar, aguardava-me na recepção.

Jantámos juntos, ao ar livre.

Contrariamente ao que ele dissera, fazia um vento nada quente e até incomodativo.

Falamos sobre as primeiras impressões da terra que acabávamos de pisar e da simpatia que guardávamos para com aquela gente.

Soube, nessa altura, que outros angolanos estavam no hotel. Eram tripulações militares dos vôos Luanda/Sal/Havana. Procedia-se à evacuação dos cubanos presentes em Angola, ao abrigo de acordos entre os governos dos dois países.

Pela conversa que trocaram e pelo ar cúmplice com que empregavam certas expressões e olhavam para mim, percebi que Edmundo era muito amigo do comandante de bordo do avião militar que escalava o Sal. Apresentou-me o amigo. Homem por sinal, mais atraente que Edmundo. — “Teria dado um bom companheiro de viagem” — Permiti-me imaginar.

— Alice Lucena — disse-lhe eu.

Ele chamava-se Xavier; qualquer coisa Xavier.

Aparentava cerca de quarenta anos. Possuía um porte atlético e usava um perfume apimentado e suave. Um desses cheiros que se insinuam na atmosfera deixando o olfacto curiosamente atraído, numa busca ansiosa.

Trocamos palavras rápidas e fiquei a saber que ele havia feito o vôo Luanda/Sal. Registei que também ele observava de forma curiosa a estrela que eu trazia pendurada.

Constatee a mesma falta de à vontade, mas preferi pensar que a minha estrela não era uma qualquer fantasia. Podia bem ser um diamante! Na minha imaginação, transformei-me numa mulher rica, cheia de diamantes e comecei a julgar que podia atrair ladrões...

“Quem sabe, um bom ladrão” — especulei silenciosamente.

Também a tripulação do nosso vôo estava ali hospedada, uma das aeromoças apareceu e dirigiu-se ao amigo de Edmundo, interrompendo a sequência do meu raciocínio.

Sentia-me exausta e apetecia-me estar só, razão porque não acedi ao convite do meu bom companheiro de viagem, para um passeio pela praia. Além disso, continuava a intrigar-me aquele triângulo que eu acabara de formar entre a sua presença na noite anterior na praia de Luanda, a minha estrela ao pescoço e a sua obsessão por um passeio pela praia, àquela hora.

Embora não me sentisse insegura, pressentia que havia ali um mistério a desvendar, quer pelo número de vezes que o surpreendi a olhar para o meu pescoço, quer pela falta de à vontade que se seguiu a isso.

Cordialmente despedi-me de Edmundo, deixando Xavier entretido com a aeromoça.

A manhã do dia seguinte foi preenchida com visitas à cidade, ocupando o tempo de espera até à partida para a cidade da Praia.

Embora o meu anfitrião fosse muito simpático, pouco havia para mostrar. Além do mais, uma terra nunca é aquilo que nos é dado a ver, mas o que dela sentimos e buscamos.

Os espaços atraem-nos, as pessoas convidam-nos a permanecer, criamos as nossas referências e assim se constrói aquilo de que nunca mais nos desfazemos: a terra.

Tomei o avião para a Praia, e propositadamente evitei sentar-me próximo de Edmundo Reis que já se encontrava acomodado.

Aproveitei a curta viagem para recompor o que se passara em Luanda na noite anterior à minha partida.

Era uma noite quente, apesar de não ser nada sufocante, pelo contrário. Era um desses dias em que estar em casa, ver televisão, ler um livro ou receber amigos, seria sempre menos aliciante do que sair à rua, estar ao ar livre, ou conhecer pessoas.

Saí para dar um passeio pela praia. A atmosfera mais do que aprazível, estava excitante.

Havia algumas estrelas no céu. O vento circulava e trazia o cheiro fresco da natureza e a sensação de uma agradável liberdade.

O passado surgia ameno apaziguando o espírito. Era um tempo bom para delícias e não para pesadelos.

Encaminhei-me para a marginal em direcção à ilha de Luanda.

A noite estava cheia de movimento. As pessoas caminhando de um lado para o outro, falavam alto. Imensos carros circulavam pela Avenida em excesso de velocidade. Bebia-se muito nos poucos bares recentemente abertos ao longo da ilha.

Havia uma verdadeira excitação na atmosfera.

Estacionei o carro na avenida e desci até a beira do mar.

Molhei os pés. A água estava relativamente fresca.

Despi-me completamente e deixei-me ficar dentro da água cerca de meia hora. Com o corpo assim molhado, vesti-me.

Trazia um vestido branco de malha de algodão com um franzido abaixo da cintura. Deixei-o aberto. Com as costas descobertas sentia durar aquela sensação de frescura transmitida pelo mar.

Pus-me ao volante em direcção a casa, mas o silêncio de algumas praias, mais adiante, tornou-se um convite a que não pude deixar de aceder. Estacionei o carro.

Caminhei longamente. Caminhava como se estivesse num deserto.

Parecia não haver vitalma.

Porém, a certa altura da minha caminhada, o som de uma respiração denunciou-me a presença de gente. Eram duas pessoas e tentavam rapidamente desfazer-se dos braços uma da outra.

Adivinhei que se tratava de uma cena amorosa e, procurei ser discreta, o que era quase impossível com um vestido branco.

Decidi recuar. Dei dois passos à retaguarda. O vento destapava ainda mais as minhas costas. Deliciava-me. Era um prazer sentir o vento entre a pele e o tecido, circulando.

Ao terceiro passo, senti o contacto de um metal nas minhas costas. Percebi tratar-se de um revólver. O frio atravessou-me a espinha, o medo e a angústia deixaram-me paralisada e sem recursos. Uma mão agarrou-me, num gesto forte e rude.

“Vou morrer” — pensei.

A mão continuava a agarrar-me com mais força e o meu recuo deixou de ser espontâneo. Fiz menção de resistir. Era talvez um instinto de sobrevivência, apenas.

Logo, uma voz masculina, por sinal trémula e, apesar de tudo, meiga, ordenou-me:

— Faça apenas com que eu não seja violento para consigo.

“Vai violar-me” — disse para comigo enquanto tentava raciocinar em vão e recuava obedientemente.

É frequente dizer-se que muitas mulheres sonham serem um dia violadas. Se esse sonho algum dia existiu, ele desvaneceu-se ante o perigo da morte. Nada de excitante havia ali, nem mesmo a voz meiga do homem. Tudo o que queria era ver-me livre dele e, se tivesse que morrer, queria não sentir.

Depois de ter recuado alguns passos o homem virou-me bruscamente contra si e guardou o revólver sem, no entanto, me libertar.

— Vá embora e cuide-se. Uma mulher não deve expor-se aos perigos da noite — disse-me, segurando a estrela que eu trazia pendurada ao pescoço e acrescentou — todos devíamos ter uma.

Na verdade não sei até hoje se se referia ao meu destino ou ao meu adorno.

Beijou-me os lábios e a testa, desejou-me boa noite e desapareceu na escuridão da praia.

Corri para o carro confusa. Não entendi absolutamente nada do que se passara, melhor, pensei que algo de trágico poderia ter acontecido. “Comigo!? Talvez sim, talvez não”. — Comecei a interrogar-me — “Com qual de nós?”

Francamente, eu não sabia.

Acreditei, por comodismo e, talvez, por ingenuidade, que o homem me perseguira com algum fim e diante do meu recuo, imprevisto, ou da presença de terceiros, aproveitara, apenas, para testar a minha fragilidade. “Brincadeira de mau gosto” — pensei.

Quando cheguei a casa, ainda tremia. Contudo, as emoções cansam muito mais do que podemos imaginar. Algum tempo depois, eu dormia tão profundamente que só o despertador me acordou, no dia seguinte, para me aprontar para a viagem.

* * *

Depois de fazer a retrospectiva da noite anterior interroguei-me: “Não seria o meu companheiro de viagem um dos homens daquele encontro na praia? Sim, que outra razão o levaria a olhar assim para a minha estrela, que não fosse o facto de a ter reconhecido? É evidente que um psiquiatra sabe distinguir uma pedra de valor”.

Não havia razão para admirar. Um psiquiatra podia permitir-se fazer aquela brincadeira de tão mau gosto. — “E porque andaria um psiquiatra armado?”

De todo o modo nem tudo era evidente: — “E o seu amigo comandante? Porque também ele observava o adorno que eu trazia ao pescoço?”

Talvez tivessem conversado sobre o assunto após a nossa chegada ao Sal.

Afinal, à hora do jantar, já Edmundo sabia que uma tripulação militar angolana ali se hospedara e, quando nos encontramos, eles comportavam-se como se já antes tivessem estado juntos.

Parecia encaixar bem esta ideia de Edmundo ser o homem da praia; o que me agarrou e segurou a minha estrela...

A hospedeira interrompeu as minhas especulações e cogitações para anunciar a aterragem. Chegamos à cidade da Praia passavam alguns minutos das dezasseis e trinta.

Fui acomodada no hotel Praia-Mar. Um hotel rodeado de praias, o que só por si era gratificante.

* * *

Na cidade da Praia, embora estivéssemos no mesmo hotel, as nossas ocupações profissionais e sociais não permitiram que estivéssemos juntos, senão fugazmente e, quase sempre, à hora do almoço.

Trocávamos rápidas impressões sobre o trabalho e as pessoas, almoçávamos e logo depois retomávamos os afazeres. A noite era reservada para encontros sociais, jantares ou outros encontros com aqueles a quem interessava o nosso trabalho.

Não se pode dizer que a cidade da Praia seja uma cidade muito movimentada, contudo, foi o suficiente para nos atrair e manter ocupados durante o pouco tempo que por lá passamos.

A única vez que nos vimos durante algum tempo, foi no último dia da nossa estadia naquela cidade.

Os meus afazeres haviam terminado no dia anterior.

Aguardava apenas a partida para o Sal, às dezasseis horas, de regresso a Luanda.

O dia estava quente e eu, após algumas compras na cidade, resolvi tomar um refresco e estender-me na praia. Enquanto esperava pelo refresco, na esplanada próxima do hotel, poderia dar uma vista de olhos aos jornais.

Vivia-se já um clima de abertura política em Cabo Verde e haviam surgido alguns partidos de oposição entre os quais o M.P.D. — Movimento para a Democracia — dirigido pelo político Carlos Veiga sobressaía. Os partidos reclamavam e lutavam por maior espaço na imprensa, avançando com a criação de vários jornais. Este facto contribuía em grande medida para a dinâmica do momento que se vivia.

Entre um golo de sumo e outro, fui lendo os jornais que tinha adquirido: “Opinião”, “Notícias”, “Terra Nova”, “Azágua”, “Voz do Povo” (o jornal oficial) e, uma revista de Direito.

Interessava-me levar uma visão o mais completa possível do momento político em Cabo Verde. Já que não tinha tempo para o fazer através do contacto directo com as pessoas e os factos, pelo menos, queria tirar o maior proveito possível da imprensa escrita.

Como não podia deixar de ser, eu não resisti a tentação de fazer comparações entre o comportamento dos sujeitos em presença, em Cabo Verde e em Angola, bem como entre as respectivas independências.

Pensava na guerra, nos interesses económicos em jogo, no espaço geográfico e na composição etnolinguística do meu país. — “O que seria Cabo Verde tendo tudo isso?”

Aos meus olhos a independência trouxera a Cabo Verde muitos benefícios, aos olhos dos cabo-verdianos, contudo, o PAICV, partido no poder, tinha feito pouco comparativamente ao que devia e podia. “Não seria um excesso da parte dos cabo-verdianos? O que pensariam os angolanos em semelhante situação?” — Perguntava-me.

Estas e outras inquietações iam atravessando o meu pensamento enquanto eu ia passando os olhos pelos títulos dos jornais. Havia uns que me atraíam. De um modo geral eram agressivos ou irónicos. Fixei a minha atenção no jornal “Azágua”. Era atraente pela qualidade do papel, pelas cores e, achei graça ao nome, com ‘az’ impresso a vermelho e ‘água’ a castanho. Dizia-se um jornal de ideias e de intervenção.

Chamaram-me a atenção as primeiras linhas de um artigo sobre a assunção da insularidade de Cabo Verde: “CABO VERDE encontra-se numa encruzilhada...” — “Aqui está um bom artigo”, pensei. Comecei a lê-lo.

Dei maior interesse à crítica que fazia à “Primeira República” e à apresentação do projecto político para aquele país. O texto, apesar do grande sentido crítico, parecia questionável no que dizia respeito as saídas que preconizava para a república. Aliás, o complicado nos labirintos e encruzilhadas, é descobrir a melhor opção para a saída. Eu conhecia mal a realidade cabo-verdiana e não estava em condições de discutir as soluções adiantadas pelo artigo.

Aprestava-me a chegar ao fim da leitura do jornal quando o meu companheiro de viagem e novo amigo, Edmundo Reis, interrompeu-a.

Edmundo trazia uma revista intitulada “Fragmentos”. Era uma revista cultural. Sentou-se à minha mesa depois de me ter cumprimentado e pediu uma caipirinha. Manteve-se em silêncio lendo a sua revista e respondendo com monossílabos às perguntas que eu lhe dirigia.

Achei-o inquieto e como não o conhecia bem, tive o cuidado de não arriscar diálogos.

— O que lêes? — perguntou-me a certa altura.

— Críticas à Primeira República. — Respondi. — Leio o “AZ” “ÁGUA”.

— Mais um AZ em meter água? — Brincou.

— A crítica não é mal elaborada, pelo contrário, é perspicaz e profunda. O mal está nas saídas que preconiza. Não parecem muito consistentes. Quanto mais não seja, pela expectativa que depositamos nos novos partidos, permitimo-nos pensar que eles deveriam ter a obrigação de apontar melhores saídas para os nossos destinos.

— Respondi e rapidamente acrescentei — Se calhar estão à nossa altura!

— Um grande amigo diz, e com certa razão, que os partidos são como as mulheres; arranjamos uma nova, para concluir, mais tarde, que teria sido melhor se tivéssemos ficado com a anterior. Em boa verdade a seguinte nada acrescenta, e se o faz, esse acréscimo reflecte-se como um saldo negativo no nosso bolso; assim sendo, trata-se, de uma operação aritmética de subtracção. — Dizia Xavier.

Irritou-me este seu ponto de vista e obviamente tratei de responder à letra:

— Gosto bem mais da versão da minha amiga que diz que os partidos vestem apenas calças e camisas e que, se intercalassem de vez em quando com saias o resultado podia ser diferente. Sabes que ela defende que, tal como com os homens, quando mudamos de partido não temos nenhuma razão para arrependimento, ainda que o novo não corresponda à expectativa. Deixamos de pensar na versão anterior dos factos para pensar na nova, mesmo que isso signifique voltar a assistir a jogos de futebol ou a aplaudir ídolos.

Eu falava e fitava-o com atenção.

— Sabes que eu acho que vocês têm toda a razão? — Afirmou com tal ironia que eu não pude fazer outra coisa senão rir.

Ele voltou, calmamente à leitura da sua revista cultural.

— Que me dizes de um mergulho? Talvez pudéssemos fazer corridas? O que achas? — Perguntei aguardando uma resposta negativa, pois apesar da ironia, continuava a notar-se nele alguma preocupação.

— Acho uma ótima ideia, se me deixares acabar de tomar a bebida.
— Falava sem tirar os olhos da sua revista. Continuava a disfarçar a preocupação.

Cansada de ver o seu momento intelectual interminável, levantei-me, sugeri-lhe que quando terminasse a leitura fosse ter comigo à praia e desejei, ironicamente, que a bebida e a leitura melhorassem a sua disposição.

— Podemos começar. — Disse-me momentos depois.

Dirigimo-nos para a água e quando ele se preparava para o mergulho, comecei a correr paralelamente à areia.

— Não vale, não foi esse o combinado! — Gritou.

— Eu disse correr, não disse nadar. Psiquiatra que é surdo perde a corrida. — Objectei, gritando também e continuando sempre a correr.

Fiquei à frente duas voltas e no fim da minha sétima volta concordámos em ficar por ali. Estava muito quente e correr àquela hora não era a melhor opção. De qualquer modo, a corrida devolveu-lhe alguma boa disposição e, o homem tornou-se o mesmo falador e bem disposto que eu tinha conhecido.

Falou da infância, do tipo de criança que era e das safadezas e trapasças que aprontava.

Almoçámos na esplanada e perto das catorze horas preparamo-nos para o regresso.

Chegámos ao Sal ao fim da tarde. Previa-se o regresso a Luanda, no início da manhã do dia seguinte mas, nessa mesma noite, fomos prevenidos do adiamento da partida, devido a uma avaria no avião.

Enquanto jantávamos combinamos um passeio pela praia e uma visita à boite do hotel. Apetecia-me dançar.

Estavam novamente no hotel duas tripulações militares, a que fizera Sal/Havana e a que faria Sal/Luanda. Desta última fazia parte o Xavier, o comandante de bordo que me fora apresentado por Edmundo.

Xavier aproximou-se da nossa mesa. Escondi o prazer que sentia ao olhar para aquela imagem harmoniosamente masculina. O homem cumprimentou-me com a familiaridade de um beijo em cada face, o que, aliás, é comum entre os angolanos, num segundo encontro.

Pedi licença para me levantar e Xavier mostrou um ar estranho.

— A noite espera por nós e eu vou aprontar-me para ela.
— Tranquilei-o.

— Está muito bem assim de calções. Lembre-se que há noites que se querem práticas. — Observou Xavier revelando-se um bom galanteador.

— Procurarei reter o conselho. Tentarei ser prática e breve.
— Separei-me deles e fui vestir-me para a noite, enquanto os dois tomavam uma bebida e conversavam.

Eu e Edmundo havíamos combinado encontrarmo-nos na praia. Eu tinha finalmente decidido satisfazer o seu desejo de passear à noite, à beira mar e saciar a minha curiosidade, desvendando o mistério do inesperado encontro na ilha de Luanda.

A praia ficava próxima do hotel, mas havia uma longa extensão de areia até ao mar.

A ideia de dançar excitava-me. O passeio seria um bom prelúdio.

Demorei-me um pouco mais a aprontar-me. Talvez a presença e a insinuação de Xavier tivessem suscitado em mim a dúvida quanto ao que vestir.

Passei pelo restaurante para dar uma palavra a Xavier. Apesar de não ter graça um passeio a três, teria muito prazer em ter a sua companhia para dançar.

Contrariamente à minha expectativa, já lá não estava. A recepção acabou por me informar que ele tinha ido para o seu quarto. Desisti de o procurar e dirigi-me à praia para encontrar Edmundo que já devia estar cansado de esperar.

Quando me aproximava do mar escutei vozes. Um diálogo exaltado que chamou a minha atenção. Reconheci Edmundo pela voz, e pela altura e contornos do corpo da outra pessoa admiti que se tratava de Xavier. Contudo, a camisa clara que se descortinava no escuro fazia-me duvidar da identidade do segundo, pois, tanto Edmundo quanto Xavier, traziam, ao jantar, camisas de tons escuros.

Ao nível das sensações, qualquer coisa me reconduzia a um passado recente. Admiti estar suggestionada pelo encontro da ilha de Luanda.

Apesar de ter tentado discretamente aproximar-me, não consegui perceber nada do que diziam, senão que falavam sobre uma mulher.

Eu trazia um vestido de alças em seda azul petróleo e com um simples corte de princesa marcando o corpo até a cintura. Podia desta vez passar despercebida, mas, apesar disso, procurei não me aproximar demasiado, mantendo-me a uma certa distância.

Infelizmente, o vento soprava em sentido oposto e levava consigo os sons tornando as frases pouco perceptíveis.

Após uma grande exaltação de ambos, ouvi um choro quase nítido e a voz de Edmundo pedindo calma. Pensei decididamente que aquele choro nada tinha que ver com a imagem de Xavier e quase afastei a hipótese de ser ele o outro personagem daquele episódio.

Fez-se algum silêncio.

De repente, naquelas fracções de segundo, a minha consciência começou a descortinar factos, a especular, talvez. De qualquer modo, se o que me vinha à mente era a verdade, eu estaria atrasada para o que quer que fosse. Tudo o que se seguiu aconteceu rápido demais para que eu pudesse agir.

Senti alguns passos na água, e a respiração de ambos trouxe até mim a ideia exacta de que os dois estariam agora lutando. Ouvi uma ameaça mas não pude decifrar imediatamente. Depois percebi a voz de Edmundo dizendo, quase gritando, mas, sobretudo, pedindo:

— Não! Não fa... — a frase foi interrompida pelo som abafado de um tiro e o “Não”, que em simultâneo se propagou no ar, era o meu.

Corri antes que fosse reconhecido o meu grito e identificada a minha presença.

Fui para o hotel. A disposição geográfica deste, dos seus aposentos, dos restaurantes e jardins, deram-me a oportunidade de não ser vista e, provavelmente, também ao suposto autor do crime.

Disfarçadamente entrei na boite. Pelo menos ali, no escuro e na confusão daquelas luzes, ninguém perceberia nada.

Fiquei até ao amanhecer. Receava agora que alguma coisa me acontecesse.

Pela manhã, o corpo de Edmundo foi encontrado na praia. O mar levava o sangue deixando vazio o seu corpo e com cada onda lavara as areias brancas do espaço que o rodeava.

Fui chamada à recepção do hotel. Lá estavam, para além da polícia, Xavier. Pensei que ele tivesse confessado o crime, mas percebi que não, quando ele pôs o seu avião à disposição para o transporte do corpo.

Xavier parecia transtornado. Era muito difícil descortinar se pela perda do amigo se pelo crime.

Ele tinha um álibi: a recepção havia confirmado que se encontrava no quarto desde a hora em que se separara de Edmundo, no restaurante.

A polícia interrogou-me sobre as últimas relações com Edmundo, sobre as nossas relações ao longo da estadia e sobre relacionamentos seus em Cabo Verde, que pudessem ser do meu conhecimento.

Omiti a minha presença na praia. O meu álibi, a presença na “Boite”, foi igualmente confirmado. Pensando bem, o interrogatório não tinha sido suficientemente exaustivo e provavelmente também não a investigação. A polícia deixava-se influenciar pela ideia de se tratar de um crime passional, ajuste por adultério, envolvendo Edmundo e alguma cabo-verdiana.

Dei-me conta que estava envolvida neste crime. A minha mente não parava um único minuto e nela, a ideia de um crime adiado ia tomando forma. Também a ideia de ser Xavier o homem que depositara o beijo na minha testa e nos meus lábios, na ilha de Luanda, não deixava de me perturbar, desenvolvendo uma dupla sensação, de excitação e de repugnância. “Seria Xavier capaz?” — Comecei a sentir-me cúmplice e ao mesmo tempo, por tão pouco, dividida.

Fomos informados de que a avaria do avião comercial era séria e de difícil reparação. Implicaria a vinda de peças de Lisboa e de técnicos de Luanda.

Regressaríamos à Luanda no avião militar, com o comandante Xavier. Aguardar-se-ia pela autópsia e após esta, partiríamos, ao fim da manhã do dia seguinte.

Senti medo. Mas conformei-me rapidamente. Afinal tudo não passava de puras especulações minhas.

Aceitei, para com a família de Edmundo, a responsabilidade de levar o seu corpo. Era uma situação embaraçosa mas à qual não podia fugir. — “O mesmo Edmundo que me fizera companhia, regressaria agora como uma qualquer carga”. — Que triste constatação! — “Talvez fosse mais sensato, se as cerimónias fúnebres acontecessem ali onde acontece a morte... Contudo, por muito que os mortos não o queiram, o seu destino está na mão dos vivos”. — Continuei admitindo.

No aeroporto militar de Luanda, Xavier ajudou-me a desembarçar a carga. Apresentou-me aos familiares de Edmundo e, de repente, quando o procurei, encontrei-me só diante deles. Estavam inconsoláveis. Xavier evitou o mais que pode este confronto. Não me pareceu estar sereno.

No dia seguinte foi o funeral. Xavier era um ausente. Soube depois que tinha voado. Seguindo as minhas especulações, tentei descobrir naquela multidão a mulher da praia que podia estar na origem daquele trágico fim. Podia ser qualquer uma das que ali se encontravam.

Deixámos o cemitério e nele Edmundo. Um homem de cerca de quarenta anos de idade, aparentemente experiente, e que, certamente, não teria querido tal fim.

Fervilhavam na minha mente uma imensidão de perguntas.

“O que o conduziu a este triângulo, cujo vértice o engoliu? Afinal parecia ser um homem ponderado!... Vamos lá nós saber o que vai na alma de cada um!...”

“Quantas vezes deixamos que as nossas vidas flutuem como um barco sem rumo, perdido em alto mar... E assim, por uma breve fracção de segundos, vemos o destino tecer-lhe uma trajectória impensada. É mesmo! E, num lugar adverso, a nossa vida atraca como o corpo de Edmundo na areia branca de uma terra que lhe parecia amiga”.

Senti necessidade de ver Xavier e de conhecer a sua mulher. Já que estava envolvida no crime, queria entender as suas causas.

Mas que referências possuía eu, que me permitissem chegar até ambos? Nenhumas. Tudo levaria o seu tempo. Talvez os factos viessem, ele próprios, ao meu encontro.

III

A investigação da polícia de Cabo Verde era muito lenta, como se podia prever.

Continuava a alimentar-se a ideia de que Edmundo se teria envolvido com a mulher de um cabo-verdiano. Segundo notícias que me chegavam através de amigos que eu fizera, em Cabo Verde quase não se falava do caso e, sempre que tal acontecia, os cabo-verdianos eram conclusivos, no seu crioulo: *homi qui ta limpa sê honra ca ta mestê fasê conta cu policia**.

Pude também ficar a saber que o meu bom psiquiatra não perdera tempo e que deixara algumas cabo-verdianas em pranto.

Fora apenas uma semana e fico a perguntar-me como os meus compatriotas conseguem tais proezas.

Decorrera já cerca de um ano e meio desde a morte de Edmundo.

Um dia em que eu cismara desvendar o caso, dei-me ao trabalho de, junto da sua família, recolher pistas para chegar a Xavier.

Uma semana depois eu estava em sua casa. Uma mulher abriu-me a porta e recebeu-me com cordialidade e gentileza. A princípio pensei tratar-se da esposa. Era incrível como o seu sorriso se parecia com o de

(*) Homem que limpa a sua honra não tem porque ajustar contas com a polícia.

Xavier! Pouco tempo depois chegou um pequeno, correndo e tratando-a por tia. Percebi que se tratava de uma irmã e não da esposa. Confiei-lhe, sem grande esperança, um recado para Xavier, dizendo que gostava de lhe falar. Juntei ao recado os meus endereços. A irmã tratou de me informar que não seria muito fácil, porque Xavier ficava agora mais tempo fora de Angola.

Contrariamente ao que eu esperava, um mês depois Xavier procurou-me. Foi ao escritório.

Não fez qualquer menção sobre a minha presença em sua casa.

— Talvez precise de um advogado. Edmundo disse-me que a senhora exerce advocacia.

Eu estava certa de que ele me confessaria o crime.

— Preciso de me divorciar. Venho constituí-la minha advogada. — Escondi a minha desilusão ao ouvi-lo.

Não é muito comum serem os homens a interpor acções de divórcio. De qualquer modo, num ou noutro caso, entre o primeiro e o segundo encontro com o advogado, quando o caso prossegue, medeia frequentemente um tempo útil a reconciliações. Acreditei que este seria o seu caso.

Xavier explicou as suas razões. Uma frieza nas relações conjugais estaria na base do seu pedido de divórcio.

— Tem de me ajudar a clarificar os factos. Concerteza não espera que eu alegue a frieza dos sentimentos como fundamento do seu divórcio — Eu continuava a não estar convencida das suas razões. — Não estou a fazer juízos de valor, mas diga-me o que quer dizer com “frieza das relações” e talvez eu possa ajudá-lo. — Assegurei.

— Quando digo frieza quero mesmo dizer frieza. A senhora talvez não imagine o que é viver com uma pessoa dentro da mesma casa e nada acontecer. — Respondeu-me.

— Não diriges a palavra um ao outro? — Inquiri.

— Falamos até muito bem. Educadamente. Pelo menos há respeito e amizade. — Respondeu muito prontamente, fez uma pausa e logo a seguir concluiu. — Dói-me viver com uma amiga quando desejo a mulher que ela é.

Relatou alguns factos comuns a outros casamentos. Falou dos filhos e do amor que nutria por eles. A certa altura a sua voz e as suas palavras assumiram o tom de um desabafo. Temi que o meu escritório se transformasse num consultório de psicanálise.

A sua tristeza era funda e eu tinha dificuldade em detê-lo.

Era fácil perceber que o seu objectivo não era propriamente o divórcio. Tudo o que ele desejava era desabafar.

Olhei-o com atenção e apercebi-me de que, com alguma paciência, poderia chegar onde eu queria. Deixei-o falar.

— Quando eu e ela estamos juntos é como se uma enorme parede se interpusesse entre nós. A parede lá está e ao mesmo tempo não existe.

— Fez uma breve pausa.

— Eu quero-a muito e cada vez mais. Nunca a desejei tanto em toda a minha vida... Mas, ela já não é quem eu tanto desejo. A senhora entende?...

Fiz que sim meneando a cabeça, mesmo porque no seu monólogo não havia espaço para as minhas respostas. Além do mais não era ainda o momento de o interromper.

— Tenho-a entre os meus braços e, de repente, tudo se desvanece, como uma nuvem que se desfaz sem que a chuva aconteça. A senhora não imagina o que há de dor em tudo isto!... As minhas lágrimas correm e acabo por deixá-la a chorar comigo. Mas, apesar de partilharmos as lágrimas, a parede continua erguida como se chorássemos por coisas diferentes.

— Você quer dizer-me que há um rival? — Fitou-me perturbado.

— Pergunto se essa parede é real? — Indaguei depois de deixar passar algum tempo sem que houvesse resposta sua.

— Se eu pudesse tocá-lo com as pontas dos meus dedos!... Ah!... se eu pudesse!... Às vezes pensamos que os piores rivais são aqueles que podemos tocar... Tentamos, então, destruí-los, eliminando todas as reais possibilidades de voltarem a entrar no nosso espaço... — Fez nova pausa. — Como não me ocorreu que em certos jogos apenas uma certa distância permite visualizar o adversário e desferir-lhe golpes certos?... É certo que não há rival igual aquele com o qual não podemos competir, simplesmente porque ele não existe! Mas...

Estava exactamente a aproximar-se do que eu queria. Olhou para mim, fixamente. Não percebo, ainda, o que terá lido no meu rosto. De repente disse-me de modo inesperado:

— Estou a roubar-lhe tempo. Vou andando, até por que vou voar dentro de três horas e há algumas coisas que tenho de deixar feitas. De qualquer modo, quando voltar venho procurá-la. Não se esqueça de que preciso de me divorciar.

— Quem não se deve esquecer disso é você. Até aqui eu estive apenas a ouvi-lo, ainda não conversámos e ainda não me apresentou os fundamentos reais para o seu divórcio. Pode ser que não tenha que chegar até ele. Tudo o que ouvi foi um desabafo, um delírio talvez. — Tentei espicaçá-lo.

— Eu não estou a brincar. Por favor doutora, tome a sério o que digo. — Falava agora mais sereno e decidido. Enquanto se levantava foi acrescentando — Todas as soluções passarão pelo divórcio, verá... Não há nada de delirante nas minhas palavras... gostava de poder dizer tudo de outro modo mas... não sou capaz. — Fez uma pausa encaminhando-se em direcção à porta. — Sei como os advogados gostam de provas... — Certificou-se de que eu o acompanhava e sussurrou-me. — Acredite que o meu rival existe. Se calhar não o poderei tocar, mas ele é real.

— Ajude-me a encontrar provas e concerteza não perderemos tempo. — Disse-lhe enquanto ele me estendia a mão.

— Quando eu voltar, falaremos. — Retorquiu.

* * *

Os dias foram passando. De Xavier não chegavam notícias.

Cerca de dois meses após o encontro no escritório recebi o seu primeiro telefonema. Assegurou-me que me visitaria nesse mesmo dia. Esperei em vão. Algumas semanas mais tarde, surgiu o segundo telefonema; pedia-me desculpa e justificava-se por não ter comparecido ao encontro marcado. Prometia, entretanto, aparecer logo que tivesse disponibilidade. Não veio tão cedo. Já eu não o esperava quando, finalmente, apareceu. Não no escritório mas em casa.

O seu aspecto era preocupante. Não estava propriamente sujo. Trazia um ar desleixado.

— O que lhe aconteceu? — Perguntei-lhe à porta.

— Acredito que o meu aspecto nada tenha de elegante... Não vai receber-me por isso? — Indagou.

— É claro que é um prazer tê-lo em minha casa, entre. — Eu continuava intrigada. — Mas explique-me o que lhe aconteceu.

— Sabe que a senhora é a única pessoa que está em condições de avaliar o que se passa comigo, o que sinto?

É obvio que ele induziu o meu raciocínio. — Porque não foi logo à polícia? Isso certamente o teria deixado aliviado.

Não me respondeu. Limitou-se a permanecer em silêncio.

— Já foi às autoridades ou prefere que sejam elas a chegar até si? — Perguntei para o provocar, mas sem me dar conta da frieza das minhas palavras. Nestas ocasiões nem percebemos o julgamento contido em frases como estas.

— As duas coisas. Até agora ainda não excluí a hipótese de a polícia chegar até mim. — Respondeu-me — Mas como bem pode observar, seria uma espera difícil e dolorosa. Fui finalmente à polícia.

Falei-lhes de Edmundo, mas não acreditaram. Não sei se pela minha calma, se pelo meu aspecto. Não perguntaram sequer o meu nome. Perguntaram-me se o tinha asfixiado num contentor. Com a mesma ironia respondi que o homem quase morreu afogado e eles aconselharam-me a lá voltar quando o homem estivesse completamente afogado. Estavam demasiado embriagados para tomarem-me a sério, riram-se de mim. Disse-lhes que isso, do homem morrer afogado, já não iria acontecer e em resposta eles desejaram-me continuação de bom percurso pelos contentores...

Fez uma longa pausa. Eu estava muda. As suas palavras iam ajudando a situar-me.

— Desde que cheguei de Cabo Verde, depois de ter estado no seu escritório, que não trabalho... Estou como a senhora pode constatar... Acho que qualquer investigação, por mínima que fosse, deveria ter passado por mim, não acha!?

Ele estava, realmente, com uma aparência de louco, com uma aparência que nada tinha a ver com o homem que conheci em Cabo Verde. Mas, apesar disso, mostrava-se bastante lúcido.

— Todas as vezes que vou a Cabo Verde sinto-me exactamente como se estivesse num cemitério... A mesma perda, o mesmo vazio se apossam de mim... — Falava com imensas pausas o que era compreensível. — A senhora certamente pensa que estou a ser consumido por um grande sentimento de culpa, não é isso!? Sabe o que me consome é a perda... Ainda não sei qual delas é a maior, se a do amigo, se a da mulher ou se a de mim próprio.

— Quero ser-lhe útil, Xavier, mas tenho alguma dificuldade em saber exactamente o que lhe devo dizer. — Tentei ser simpática.

A minha mente estava a percorrer todas as imagens desde o encontro na ilha até ao funeral de Edmundo.

— Já está a sê-lo. Na verdade a solicitação dos seus serviços de advocacia sempre foi um mero pretexto. Precisava de falar com alguém. A senhora esteve sempre envolvida nesta morte... Quem melhor do que a senhora para me ser útil? — Dizia “nesta morte” como se falasse da sua.

— Ser útil como? — Perguntei.

— Ouvindo-me, tão só. Talvez isso a possa ajudar um dia, se optar por elaborar a minha defesa... Porém, para mim, ouvir-me é o bastante para me ajudar a manter-me de pé. — Falava a princípio com ironia, mas a sua voz ia ganhando uma certa tristeza. — É engraçado! Tal como estive no seu escritório, eu estive imensas vezes no consultório de Edmundo... Talvez haja alguma semelhança no exercício das vossas profissões... deixe-me pensar... Talvez seja a forma como vocês conduzem as pessoas a trazerem-vos a verdade. Não sei se a vossa, se a nossa verdade...

— Isso é muito discutível — respondi-lhe — mas diga-me, por exemplo, o que o levava ao consultório de Edmundo, talvez isso me ajude a percebê-lo.

Começou a narrar-me um episódio da sua relação com Edmundo. Percebi então, quão importante era para ele falar do amigo.

«— Eu e Edmundo éramos velhos amigos, conversávamos sobre tudo, sem qualquer restrição. Frequentávamos a casa um do outro e a sua chegada à minha casa trazia uma alegria indiscutível.

Edmundo era um homem simplesmente bem disposto, desses que partilha a boa disposição como o tabaco: sempre a oferecer.

Posso dizer que a minha vida, profissional, conjugal, social, estava nas mãos daquele homem, que era para mim simultaneamente irmão, amigo e médico.

Um dia, a minha vida com a Bernarda, minha mulher, começou a complicar-se e o que é pior, por razões aparentemente não identificáveis. A princípio eu estava certo de que não havia mais ninguém na vida de Bernarda. Depois as coisas compuseram-se, mas, a partir daí, começámos ciclicamente a viver períodos idênticos. Em vão, comecei a procurar as razões que poderiam estar por detrás de tão elaborados desequilíbrios conjugais.

Nunca me passara pela cabeça qualquer desconfiança em relação a Edmundo.

Edmundo apercebera-se destas minhas inquietações. Talvez ele conhecesse as suas causas... E, talvez por isso, ele nunca me tivesse deixado aproximar delas. É dispensável dizer-lhe que ele não era um homem vulgar, por isso mesmo, não era com vulgaridade que fazia as coisas. Conduziu-me em direcção a uma verdade que não era a minha e eu estupidamente caminhei sobre ela. Para ter uma ideia, vou contar-lhe uma entre tantas conversas que tivemos.

Certa vez, estava eu no seu consultório e manifestei-me insatisfeito com a minha relação conjugal. Era um momento particularmente difícil, porque eu travava uma luta entre a minha intuição, a imagem que eu e Bernarda construimos da nossa relação e o perigoso direito à omissão que nela havíamos introduzido.

Xavier percebeu pelo meu rosto que eu não entendia o que queria significar o “direito à omissão” e esclareceu de imediato.

— Oh! Esse assunto daria um dia de conversa... Mas o que eu e Bernarda sempre defendemos é que relativamente à intimidade de cada um, assistia-nos o direito de omitir factos, mas não o de mentir.

É um jogo perigoso; só se pode omitir até ao momento em que somos confrontados com uma pergunta. O complicado é quando a pergunta está implícita ou não se traduz em palavras!

Hoje, eu acho que a Bernarda aguardou sempre pela pergunta que eu nunca fiz...

Mas isso pouco interesse tem agora, eu falava da minha conversa com Edmundo.

A certa altura, dizia-me Edmundo, depois de eu ter falado sobre a possibilidade de haver outro homem na vida da Bernarda:

“ — As coisas que mais queres e as que mais temes, visualiza-as até ao seu mais ínfimo pormenor. Jamais acontecerão como tal; o exercício oscilará sempre entre o sonho e o pesadelo. A realidade ficará aquém deles e a lucidez minimizará o choque diante dela”.

Manifestei-lhe a minha relutância: — Esse exercício é muito perigoso (a voz tremia-me como se já o estivesse a praticar); o exagero num caso desses pode levar a um irrealismo doentio e crónico ou a um cepticismo também doentio e também crónico. A isto há quem chame loucura... e é loucura! — Admiti.

Na sua voz plácida de médico, Edmundo elucidou-me — O excessivo é sempre doentio e o equilíbrio não é necessariamente mediocridade. Por vezes do excesso brota o excepcional. Quero dizer, que a perfeição surge normalmente quando se atinge um elevado grau de abstracção. Mas o ideal para um homem como nós é o equilíbrio, que não nos torna excepcionais, mas não nos deixa mediocres e sim nobres, pois revela uma certa inteligência de vida, uma qualidade de vida e uma qualidade de saber estar.

— Isso é muito discutível. De qualquer modo, será difícil para mim praticar um exercício como esse que advogas, sem o risco de arruinar a minha própria vida. — Eu continuava relutante. — Não sei se daria num ser excepcional, se num medíocre ou se num homem nobre, nem me interessa. Contudo, sinto-me bem como estou. Já viste o que aconteceria se, por exemplo, eu comesse a imaginar que a minha mulher está a dormir com outro homem? Se eu for ao mais ínfimo pormenor, dentro de minutos irrompo por aquela porta, vou atrás dela e mato-a. Eu sou um homem como qualquer outro. Não me venhas com “intelectualisses”.

— Depois acalmei-me. — No mínimo, se tal não acontecer, instala-se a eterna desconfiança na relação. Isso talvez resultasse se eu fosse um actor, mas não sou mais do que o mais comum dos seres.

Parecia que a minha resposta, o meu exemplo, tinham tocado no assunto que ele não queria.

— Isso não chega a ser, sequer, excessivo. Talvez seja medíocre. Porque haverias de imaginar que a tua mulher está com outro homem? Isso nada tem que ver com o exercício a que me refiro.

Mas se imaginas que ela está com outro homem, o exercício está não em ir ao pormenor de como isso acontece, mas sim do porque é que isso acontece.

O porquê, conduzir-te-á a uma de duas atitudes: tornares irrelevante o problema, ou sofreres o mais profundamente possível. Antecipas-te, é um facto. Porém, num caso ou no outro, libertar-te-ás. Quero dizer que perguntar-te-ás se é mesmo importante, para ti, ela estar com outro homem e levarás esse raciocínio até as últimas consequências. Ou então, pensarás no que poderás vir a sentir com essa perda e no que serás capaz de fazer para sair dela incólume. Só faz sentido praticares esse exercício se o puseres ao teu serviço, ao serviço de alguma coisa que queiras salvar, de outro modo, o mais razoável é nem pensar nisso, não sofrer antecipadamente, deixando que as coisas aconteçam e que os factos sigam o seu curso natural.

Nessa altura a catalogadora bateu à porta. Retirei-me da sala para que ele atendesse os familiares de um doente que já o aguardavam há algum tempo. Esperei por ele lá fora e senti um alívio. Não queria continuar aquela conversa. Mesmo assim, a espera foi bastante longa, e eu voltei à conversa algumas vezes.

A certa altura, tentei praticar o exercício. A verdade é que num dado momento do exercício, o medo começou a instalar-se e o pânico paralisou-me.

Quando ele se despachou propus que fossemos até ao mercado dos “trapalhões” tomar uma cerveja. Era sábado e não havia razão para preocupações com horários.

Estava imenso calor. Bebemos duas cervejas e despedimo-nos. A frescura da cerveja amenizou a quentura do sol e a densidade daquele diálogo.»

Fiquei com a sensação de que Xavier ainda guardara qualquer coisa por dizer. Mostrava-se exausto. Eu preparava-me, entretanto, para perguntar algo, quando ele concluiu:

— Talvez ele tivesse esquecido que eu podia usar o seu exercício para salvaguardar a minha honra.

Fi-lo com a maior frieza que um exercício como esse me podia ter dado. O único momento em que me senti perturbado foi quando, tendo-o nas minhas mãos, com o seu sangue a escorrer para a água, o arrastei até a terra e dei-me conta do vazio que se abria!... Numa coisa ele não tinha razão, a realidade fica sempre aquém do sonho, mas pode ir além do pesadelo... Ele bem podia ter-me prevenido de que é a lucidez que se segue que nos destrói!...

Hoje, questiono-me se valeu a pena. Eu podia ter impedido essa morte e nada fiz. Assisti com a maior frieza que algum dia conheci em mim. Podia ter denunciado o criminoso e entreguei-me ao silêncio...

Mas será que ele precisava de empurrar-me para tão longe?

IV

Havia em mim a certeza de que Xavier era o homem que depositara nos meus lábios o beijo daquela noite na Ilha de Luanda.

Também não me restavam dúvidas de que Edmundo era o homem que estava envolvido na cena amorosa dessa noite. Xavier entregara-me as peças do “puzzle” e todas elas pareciam encaixar correctamente.

Contudo, o último diálogo com ele abria em mim a grande dúvida. Quem seria o criminoso que ele poderia ter denunciado?

Alguma peça estava, então, mal encaixada e eu teria de recompor o “puzzle”.

No momento do diálogo, confesso que fiquei tentada a inundá-lo de perguntas. Seria, no entanto, muito injusto deixá-lo partir com a ideia de que eu estava convencida de que ele era o responsável pela morte de Edmundo.

Conformei-me com a esperança de que ele voltaria tarde ou cedo e revelaria o que sabia... As esperas são sábias e trazem-nos a verdade. Eu nada teria a perder.

Na noite desse dia parti para Harare onde permaneci duas semanas.

Voltei inconformada e disposta a desvendar de uma vez por todas o enigma, indo ao encontro da verdade. Mal sabia que duas semanas tinham bastado e que o tempo não precisaria de maior espera.

No mesmo dia do meu regresso, enquanto tranquilamente e com imenso prazer, ouvia música e gravava, tocaram a campainha. Fui atender.

Era sábado. Entardecia.

À porta estava uma mulher que aparentava ter cerca de trinta anos. — “Devia ter pelo menos mais três, sempre erro em mais ou menos três anos”. — pensei.

Era uma mulher muito alta e de uma pele negra, escura e macia. Tinha para além do porte atlético, um olhar altivo. Há presenças que não precisam de se anunciar e às quais os nomes nada acrescentam. Assim era a dela, quanto mais não fosse, pela verdade que trazia até mim.

Confirmou o meu nome e apresentou-se. Pelo seu percebi tratar-se de quem eu já supunha ser.

— Sou Bernarda Xavier, trago uma carta para si.

Recebi o envelope e encaminhei-a até a varanda convidando-a a sentar-se à mesa que ali se encontrava. Na varanda poderíamos sempre fazer recair o olhar sobre o mar e nas cores do entardecer nele reflectidas. Ofereci uma bebida.

— Um refresco — disse-me depois de alguma insistência da minha parte. Preparei dois e sentei-me.

Abri o envelope com curiosidade. Acreditava estar nele a revelação tão esperada. E li.

«Minha cara Alice

Ao longo da minha vida, pensei sempre que havia em mim imensas coisas para dizer. Porém, colocado perante o momento de as dizer, sinto que as palavras desaparecem e apenas o silêncio pode traduzir aquilo que a minha alma guarda. Sei que, apesar disso, lhe devo uma palavra... Uma palavra que quebre o meu silêncio ou lhe dê a forma exacta.

Li o livro que ofereceu ao Edmundo. Gostei mais da sua dedicatória. Não obstante o livro ter se revelado pouco interessante, ele tornou-se importante para mim. Há alguma coisa que não pude deixar de reter. Gostava de o ter comigo. A memória vai-me faltando e temo não ser capaz de reproduzir o que li. De qualquer modo arrisco, pois prevalecerá a ideia se a forma for por mim atraçoada:

“Os amigos são como os cabelos, com a idade uns ficam brancos e outros caem e não há meio de os substituir”.*

(*) Elsa Triolet in *Luna Parque*

Não podia haver maior verdade neste momento.

Com a morte de Edmundo perdi uma parte do meu cabelo. Tal como o fazem as mulheres, tratei-o durante muito tempo com a paciência e o labor que a beleza exige. Porém, um segundo foi tempo bastante para jamais substituir o que perdi.

Também, e infelizmente, no espaço da minha mulher, tornei-me um daqueles cabelos que o tempo branqueou.

Só muito tarde me dei conta do que estava a acontecer.

E, afinal, concluo hoje que é aos afectos que temos que conceder o benefício da dúvida, sob pena de os perdermos. Perdi duas vezes.

Se o porquê liberta-nos, a lucidez atraiçoa-nos. E eu estou demasiado lúcido para continuar existindo sem pesar sobre mim mesmo.

Resta-me dizer-te, pois, “... Vou partir...”

Luis Xavier

OBS: Quando tiveres lido estas linhas, não sei se a que mundo pertencerei.

Estou certo de que já não será o teu. Não me julgues.

L.X.»

Devolvi-lhe a carta para que a lesse. Mostrou-se, de certo modo, relutante, mas leu. Talvez esperasse encontrar, como eu, alguma revelação. — Em boa verdade, ela lá estava. Não aquela que qualquer de nós esperava, é certo.

— Não é justo. Nada justifica tanto!... — Observou.

As lágrimas caíram-lhe contínua e descontroladamente.

Fiquei embaraçada porque lhe senti a dor. Lacrimejei com ela.

É evidente que não são as lágrimas que contagiam, mas sim, as emoções. Por isso, instalou-se por algum tempo, o silêncio.

Este percorreu o tempo e tomou o espaço inteiro. Olhei para ela.

O seu rosto denunciava distâncias e lugares que o silêncio habitava.

Quebrei-o para perguntar quando tinha morrido Xavier.

— Na noite do dia em que estive consigo... Penso que a senhora terá sido a última pessoa com quem falou... Deixou este envelope.

— Falava com pausas e as lágrimas influenciavam a pronúncia e a tonalidade da sua voz. — Porque não o ajudou? — perguntou-me.

A sua pergunta tinha uma dose de julgamento.

— Não percebi que ele quisesse... Ou melhor, não percebi que ele fosse tão longe! Como se sente você? Perguntei devolvendo sem intenção o juízo que me fizera.

— Primeiro foi o choque. Agora sinto um misto de alívio e de culpa... (Chego a sentir-me envergonhada pelo alívio. A verdade é que de repente estávamos a ser demasiado consumidos... A senhora entende-me?)

— A sua voz continuava triste.

— Acha que estava nas suas mãos evitar este desfecho? Porquê culpar-se se não podia mudar o rumo dos acontecimentos?

As minhas perguntas fizeram-na pensar.

— Acho que não!... Nada estava nas minhas mãos... — Falava agora como se fosse acordando, ganhando segurança. — É evidente que não! — As palavras pareciam realçar algo na sua consciência. — Mas ainda assim, sinto-me culpada. O alívio perturba-me... Há momentos em que sinto como se eles tivessem posto nas minhas mãos aquela arma... meus Deus, de repente tudo se tornou tão destrutivo!... Mas a morte!... É uma arma a que eu nunca deitaria a mão... Contudo, tenho de reconhecer que nem por isso deixou de significar um fim. Entende!? Acho que é o fim que se traduz em alívio.

Fez-se novo silêncio até que ela voltou a falar.

— Já alguma vez sentiu um enorme medo de perder alguém?... Depois constata que foi perdida?... Infelizmente, é tarde demais quando se percebe que se está distante de tudo... E, até essa distância, que pode pressupor liberdade, se traduz, antes de mais, em tristeza e dor.

— Penso que entendo o que pretende dizer. Talvez já tenha sentido isso... Não sei... Creio que nunca vi as coisas como você as equaciona agora. — Respondi.

— Sabe... — permaneceu certo tempo calada como se estivesse a pensar — talvez não seja o medo de perder o que possuo, o espaço que conquistei, aquilo que mais quero... esse medo não mais me aflige. Já o tive. Era um sentimento de devastador. Quero acreditar que, em certo momento, segurei as pontas das minhas relações com Xavier e Edmundo.

Um dia, como acontece com as doenças, tudo passou.

Provavelmente, quando entendi a obsessão de um, e a frieza do outro.

O meu fascínio por Edmundo fez-me crescer. Apesar disso, ele estava sempre muito além. Um dia parei olhei para ele. Ele tinha ficado para trás. Eu absorvera o que nele havia para me ser dado, de tal modo que sentia como se o pudesse engolir.

Na praia, antes da sua partida, eu e Edmundo muito falámos sobre isso. Ele apercebeu-se do que estava a acontecer e tomou a iniciativa do diálogo. — Ou não seria ele um psiquiatra! — Edmundo era um homem muito frio, apesar de sensível. Parece uma incoerência! Como é que uma pessoa fria como ele, era capaz de possuir tão grande sensibilidade?

Só uma grande vivência interior, como a de um psiquiatra, podia permitir-lhe aquele respeito pela complexidade do homem e da vida ao ponto de ter, simultaneamente a distância sobre as coisas e a percepção delas. O seu maior e único defeito era o uso desse dom da palavra. Conseguira transformá-la numa arma muito poderosa. Aliás, lembro-me que algumas vezes ele dizia citando alguém: "A palavra ilumina, desperta e liberta... A palavra dá poder". Agia com essa consciência. E no entanto não falava muito. Mas falava no momento certo!

Bernarda falava como se estivesse a rever vivências. As suas palavras eram mais um pensamento e menos um diálogo. Falava com ela mesma e menos comigo.

— Sabe, num momento como o que vivemos, em que as pessoas ou se fecham em si mesmas ou se entregam a uma auto-destruição deliberada, Edmundo é um homem que me falta... Devo-lhe muito do que sou hoje...

Infelizmente, esse encontro da praia marcou um fim. Nós sentíamos. Já o sabíamos à partida. Por um lado, tínhamos ambos a consciência de que eu me tinha libertado do seu poder, do seu fascínio — o que deixava Edmundo tão triste quanto orgulhoso. O desafio para a nossa relação era agora outro. Eu estava madura para a amizade. Porém não era certo que ele apenas quizesse uma amizade madura.

Parou de falar e olhou para mim como se recordasse algo.

— Acho que ele pressentia que algo iria separar-nos. A sua tristeza era funda...